

Pobres capitalistas

Assistencialismo não basta. A miséria só será erradicada com "choque de capitalismo" nos pobres, afirma especialista da FGV

ANA MAGDALENA HORTA

O pesquisador e economista Marcelo Neri vive mergulhado num mundo onde regime de 2.200 calorias diárias é luxo e ter no bolso mais de R\$ 80 por mês sorte improvável. Diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, Neri estuda a miséria de 50 milhões de brasileiros. Sob sua coordenação nasceu o *Mapa do Fim da Fome*, radiografia da cruel realidade nacional lançada antes mesmo que Lula fosse eleito e o assunto virasse prioridade de governo. Neri já está na segunda edição do *Mapa*, mas ainda não vê programas capazes de solucionar a brutal desigualdade brasileira. Crítico do Fome Zero, acha que apenas um "choque de capitalismo" que envolva investimentos pesados em qualificação e geração de renda é capaz de promover a revolução necessária para acabar com o ciclo da pobreza. "Talvez por tabu, a busca sistemática por uma acumulação de capital dos pobres nunca foi tentada neste país", observa. A seguir, os principais trechos da entrevista a ÉPOCA

ÉPOCA – Quanto o Brasil precisa crescer para a pobreza diminuir?

Marcelo Neri – Se o Brasil crescer durante quatro anos consecutivos 5% ao ano *per capita*, que é acima do que se projeta para a retomada deste ano,

MARCELO NERI

■ **Formação acadêmica**

Ph.D. em economia pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos

■ **Atividade atual**

Diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro

■ **Livros mais recentes**

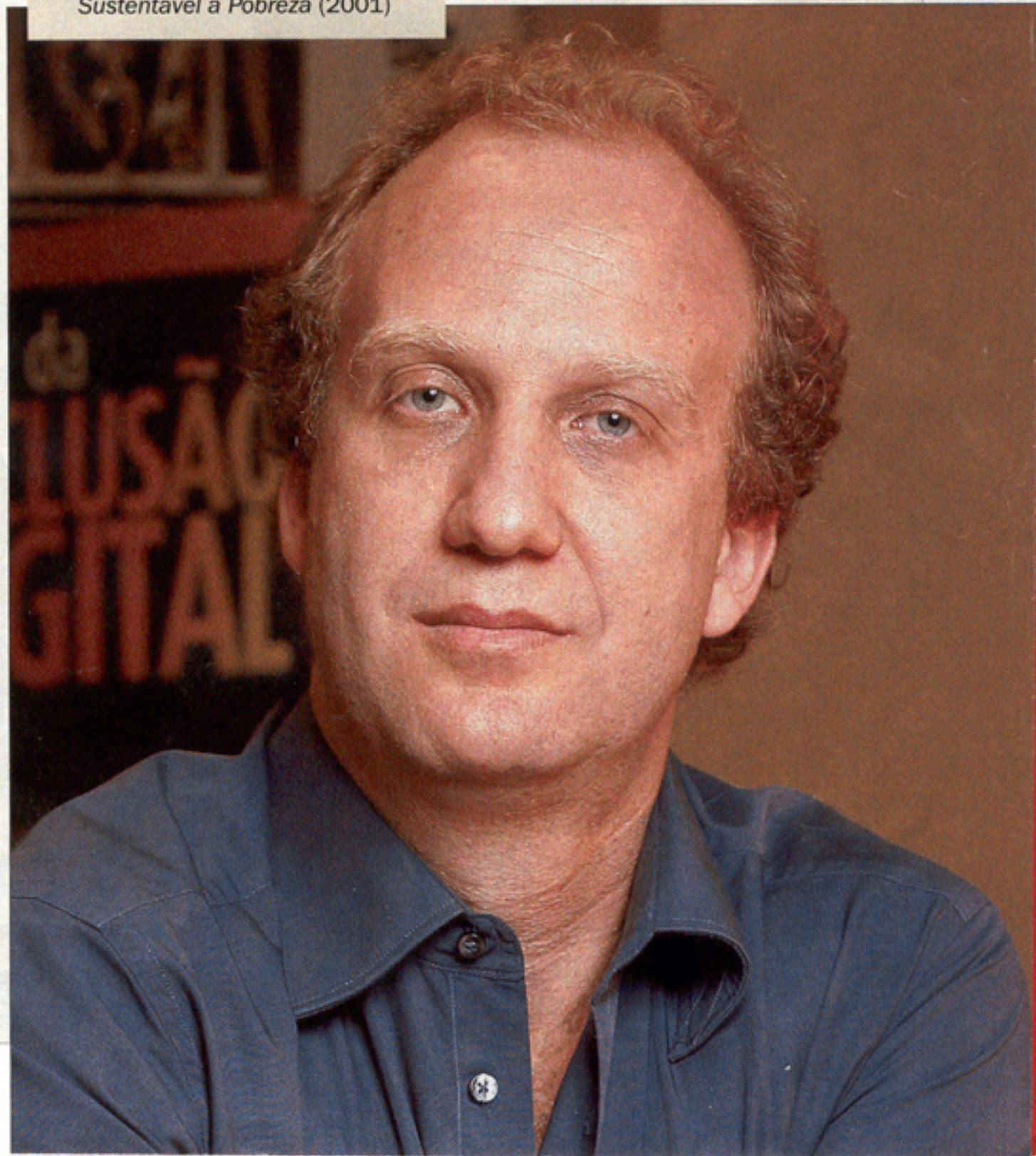
Mapa da Exclusão Digital (2003), *Ensaio Sociais* (2003), *Retratos da Deficiência no Brasil* (2003), *Cobertura Previdenciária – Diagnóstico e Propostas* (2003), *O Mapa do Fim da Fome* (2001), *Mapa de Ativos – Combate Sustentável à Pobreza* (2001)

a miséria vai cair cerca de 18% ao longo do mandato de Lula. Mas, se além desse crescimento houver redistribuição de renda, a miséria poderia ser reduzida em até quase 50%. Tudo vai depender da qualidade distributiva do crescimento.

ÉPOCA – O crescimento não provoca por si só uma redistribuição de renda?

Neri – Depende. É preciso ver quais os segmentos privilegiados pela expansão, e se ela é sustentável ou não. Não adianta fazer, por exemplo, um grande programa de renda mínima se ele não durar. Acaba-se ▶

Drayon Dornelles



mudando pontualmente a distribuição de renda, mas não de riqueza.

ÉPOCA – Então, como mudar a distribuição de riqueza?

Neri – Investindo pesado em educação de qualidade, em programas de microcrédito para fomentar pequenos negócios, em programas de regularização fundiária. Se forem bem feitos, esses programas vão aumentar a produtividade dos mais pobres.

ÉPOCA – Como assim?

Neri – É um desafio. Tem de haver uma redistribuição de ativos produtivos. Defendo um choque de capitalismo nos pobres, para aumentar a quantidade e a qualidade dos ativos deles. Eles não precisam ser protegidos, precisam de meios para sobreviver numa economia de mercado, precisam ter capacidade de geração de renda. Talvez por tabu, a busca sistemática por uma acumulação de capital dos pobres nunca foi tentada neste país.

ÉPOCA – Mas o Brasil não gasta pouco em educação, por exemplo.

Neri – Mas não gasta com os mais pobres. E os programas são mal focados.

ÉPOCA – Foi esse o pulo-do-gato das economias asiáticas, aplicar bem o dinheiro destinado à educação?

Neri – Exatamente. A Coreia do Sul mudou a face da educação do país. Investiu muito no ensino fundamental, depois no ensino médio e no superior. Era um país muito mais pobre que o Brasil, hoje é muito mais rico, porque investiu nas pessoas. O Brasil gasta muito com ensino superior, e pouco com o resto. É preciso investir mais na pré-escola.

ÉPOCA – O Brasil então não está no caminho certo?

Neri – Poderia ser melhor. Se o objetivo é revolucionar a sociedade brasileira no espaço de 30 anos, é preciso começar hoje a aplicar muito na educação. Ela é decisiva na melhoria dos níveis de vida. Calcula-se que, para cada ano adicional de estudo, o salário mensal do trabalhador cresce cerca de 16%. Observa-se que o Brasil gasta

mal na área social ao compará-lo a outros países. Mais de 20% do PIB está comprometido com o social. É um dos mais altos índices na América Latina. No entanto, os indicadores de desenvolvimento humano são piores, sobretudo se comparados a outros países com renda *per capita* similar.

ÉPOCA – A política social do governo Lula está andando?



Miriam Fichtner/ÉPOCA

Defendo um choque de capitalismo nos pobres.

Eles não precisam ser protegidos, precisam de meios para sobreviver numa economia de mercado, precisam ter capacidade de geração de renda. Talvez por tabu isso nunca foi tentado neste país.

Neri – 2003 foi o ano do ajuste. O cenário para este ano é positivo. Sem choques externos e com reformas adequadas, o Brasil cresce. E, se a política social entrar nos eixos, aí sim poderemos ter um espetáculo do crescimento. O governo deu continuidade à política econômica do governo anterior, foi muito criticado por isso, mas acho que o caminho está correto. O problema foi que tentou reinventar a roda da política social.

ÉPOCA – Por quê?

Neri – O Fome Zero foi lançado logo após as eleições. Não podemos dizer que Lula foi eleito, mas o programa tinha muitos problemas.

ÉPOCA – Quais?

Neri – Discordo dessa idéia de tentar um ataque literal à fome, no sentido de forçar os pobres a consumir alimentos. O pobre deveria receber uma renda e ele mesmo escolher o que fazer com ela. O caminho do Bolsa-Escola, que é um caminho já trilhado pelo PT, é melhor.

ÉPOCA – Não há perigo de desvio do dinheiro para outras finalidades?

Neri – Ninguém melhor do que a pessoa para saber o que consumir. O governo não deve ser uma espécie de Big Brother, pois não tem olhos por toda a parte.

ÉPOCA – O que o Fome Zero tem de bom?

Neri – Ele tem uma vantagem: guarda os genes de mobilização da sociedade civil, herdados do Betinho e de Josué de Castro. O Estado assumiu esse espaço mobilizador, e essa foi a principal inovação social do governo Lula. Mas não se pode esperar do Fome Zero mais do que ele pode oferecer. Mais recentemente foi lançado o programa Bolsa-Família. É bem melhor, porque ocupa o papel que o Estado deve ter no combate à pobreza. O Bolsa-Família é um *upgrade* da política social adotada por Fernando Henrique Cardoso. É uma política moderna de transferência de renda, com incentivos para as crianças irem à escola e se vacinarem. A família recebe uma renda como um subsídio à escolarização das crianças. Ao mesmo tempo que recebe o peixe, aprende a pescar. Essa política é feita em outros países como México, Honduras e Guatemala.

ÉPOCA – Em quanto a pobreza pode cair com esses programas?

Neri – Depende de como forem aplicados os recursos. Pelo menos agora há um esqueleto coerente de política social.

ÉPOCA – Segundo a Fundação Getúlio Vargas, o Brasil tem 50 milhões

de miseráveis. É esse o número adotado pelo governo?

Neri – Há mais de um número no governo, e isso é um problema. É preciso adotar uma linha oficial de miséria. Os Estados Unidos fizeram isso em meados dos anos 60. Não defendo a adoção da linha da FGV. Consideramos que é miserável a pessoa com renda abaixo de R\$ 80 mensais a preços de São Paulo. Acho que algumas referências internacionais traduzidas e reajustadas a preços domésticos seriam mais interessantes para fins de comparabilidade.

ÉPOCA – **Por que a definição da linha de miséria é tão importante?**

Neri – Para o governo poder fixar metas sociais. Nossa proposta é que o governo adote metas explícitas. Por exemplo: que a pobreza seja reduzida de tanto para tanto em tantos anos, como um sinal emitido para a sociedade e para dentro do próprio governo. Mais do que uma campanha de mobilização, as metas podem fornecer bases para se firmarem parcerias baseadas em desempenho entre vários níveis de governo. Um exemplo: o município pobre que diminuir mais a miséria teria acesso a mais recursos no período seguinte. É preciso evitar o ciclo do quanto pior a administração e seus índices sociais, mais orçamento ela recebe. Deixa de ser interessante melhorar os índices.

ÉPOCA – **Que tipos de política são adequados?**

Neri – O pobre não precisa de qualquer coisa, precisa de coisas boas e duradouras, como as políticas de inclusão digital, que trazem a modernidade para o Brasil atrasado, para o lado indiano da Belíndia. É importante fomentar o acesso à tecnologia entre os mais pobres, ao mesmo tempo em que se fornece conteúdo pedagógico na escola. Um bom exemplo é o Comitê para a Democratização da Informática (CDI), uma ONG brasileira que exporta boas práticas para outros países do mundo.

ÉPOCA – **Quanto seria preciso investir para erradicar totalmente a miséria no Brasil?**

Neri – Cerca de R\$ 1,7 bilhão men-

sais. Mas, apesar de o número de miseráveis ser significativo – 50 milhões é um número que assusta –, a desigualdade brasileira é tão grande que ela guarda a possibilidade de erradicar a miséria. Para ter uma idéia: se 4% da renda das famílias não-miseráveis fosse totalmente distribuída e chegasse às mãos dos miseráveis, toda a miséria nacional seria aliviada naquele momento. Ou seja: se ca-



O governo Lula avançou na questão da distribuição de renda, por meio do Fome Zero e do Bolsa-Família. Mas ainda estão faltando políticas de trabalho bem estruturadas para que o crescimento que está despontando se traduza em geração de emprego.

da família brasileira contribuísse com R\$ 15, essa bolada seria suficiente para fazer com que ninguém no país tivesse renda mensal inferior a R\$ 80. Significa dizer que os pobres convivem lado a lado com recursos suficientes para terminar com sua miséria. Mas isso não é solução, porque essa transferência teria de ser repetida mês a mês.

ÉPOCA – **No curto prazo, qual será o impacto dos programas do governo?**

Neri – O norte é bom, mas ainda há problemas. Além de minhas críticas ao Fome Zero, tenho também críticas em relação ao Primeiro Emprego, outro programa central. Discordo da idéia de subsidiar o capital para contratar trabalho. Seria melhor dar a opção ao jovem de escolher se o dinheiro do governo servirá para a empresa contratá-lo ou se, em vez disso, ele prefere usar esses recursos para estudar em tempo integral, como se fosse uma bolsa. Entre emprego e escola, fico com a escolha do jovem. O Primeiro Emprego é louvável, mas podia ser melhor. Concretamente, o governo Lula avançou na questão de distribuição de renda, por meio do Fome Zero e do Bolsa-Família. Mas ainda estão faltando políticas de geração de renda. Ajuda o fato de o cenário econômico estar melhor. Fazer política social numa situação de estagnação econômica, como em 2003, é enxugar gelo. Mas de qualquer forma falta uma política de trabalho mais bem estruturada para que o crescimento que está despontando se traduza realmente em geração de emprego.

ÉPOCA – **Em quanto a miséria aumentou por conta da crise?**

Neri – Não temos números que mostrem isso, mas ela aumentou, sim. Em 2004, com o crescimento, o mais provável é que caia. Quanto, vai depender do tamanho do crescimento e de como ele vai acontecer.

ÉPOCA – **Considerando uma expansão de 3,5% a 4% do PIB, e sem levar em conta o impacto de políticas específicas de redistribuição de renda, em quanto a miséria pode cair neste ano?**

Neri – Cerca de 3,5%.

ÉPOCA – **O número de ricos está aumentando?**

Neri – Não há estimativas sobre os super-ricos. As pesquisas domiciliares não conseguem captar, por exemplo, quem ganha renda e tem muitos bens. Também não pegam o super-pobre, o sem-teto. Os extremos ficam de fora. Isso significa que as desigualdades brasileiras são ainda maiores do que mostram os índices. ■